

## **Editorial**

Caros leitores,

A expansão do ensino superior no Brasil vista na última década inaugura um momento importante do acesso à educação no Brasil. Apesar disso, ao que parece, as instituições de ensino superior ainda enfrentam desafios quando nos deparamos com a insatisfação do mercado de trabalho em relação ao perfil profissional dos formandos. Tal insatisfação reflete as metamorfoses ocorridas no modelo tradicional de trabalho e a falta de preparo destes profissionais para enfrentar os desafios apresentados. Em suma, cresce no país uma onda de preocupação em relação a dissonância dos dois mundos mediados pelas instituições de ensino superior: o sonho profissional dos recém-formados e o mercado de trabalho que os irá absorver.

Em razão disto, vivemos um momento inaudito de mudanças e incertezas no debate que compete o repensar o modelo tradicional de educação. Para além das metodologias e práticas pedagógicas adotadas por instituições do ensino superior, uma dimensão crucial para repensar e discutir o modelo educacional é a pesquisa, seja ela aplicada ou não. Desta forma, precisamos ainda quebrar alguns paradigmas que limitam a pesquisa a pequenos horizontes, o que enfraquece o seu potencial transformador da educação, do desenvolvimento econômico e social.

A pesquisa ainda é vista como custo e não como investimento para a maioria das instituições de ensino, posição diametralmente oposta a de países desenvolvidos. Visão míope quando comparamos o Brasil com países desenvolvidos, como por exemplo, os Estados Unidos, Israel, ou ainda, Japão. Segundo dados da pesquisa realizada pelo ONG Batelle, divulgada em 2016 na Revista Exame, o Brasil encontra-se em 36º no ranking mundial, com investimento de apenas 1,3% do PIB em pesquisa e desenvolvimento.

Outro paradigma a ser quebrado é a ilusão de que apenas pesquisas aplicadas deveriam ter investimento. Isso porque acredita-se que o resultado de uma pesquisa deveria obrigatoriamente ser um produto, materializado. Pesquisa reflete em maior conhecimento, em profissionais com maior capacidade crítica e analítica, com competências de associar conceitos e informações com a realidade presente, de questionar o modo como as coisas são feitas e, portanto, contribuir com a criatividade e a inovação. Precisamos investir na formação dos profissionais, por meio do desenvolvimento de competências que os torne mais preparados para enfrentar as

mudanças constantes na economia, na política e na sociedade, sem engessá-los em currículos pouco flexíveis e em conhecimento puramente técnico.

Destaco ainda, a baixa integração entre as instituições de ensino superior, o setor privado e o setor público, com investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Um bom exemplo dessa integração é o Vale do Silício, centro mundial de pesquisa, tecnologia e empreendedorismo, onde a Universidade de Stanford desempenha papel fundamental. Tina Seelig, diretora executiva do Stanford Technology Ventures Program, afirma com orgulho que "*A universidade é um grande motor de criação de novas ideias, e de ensinar os estudantes a trazer suas ideias à vida*"<sup>1</sup>. Tina acredita que para que os alunos possam compreender o mundo empreendedor e, então, contribuir para as empresas em que vão trabalhar, para o país e para o mundo, é necessário ir além do conhecimento técnico. Ressalto que enquanto essa integração no Brasil não passar de uma ideia, setor público, setor privado e a sociedade continuarão alijados dos benefícios trazidos pela ciência.

Ademais, a pesquisa não deve ser patrimônio de nenhuma elite, tampouco restringir-se apenas ao ensino superior. Precisamos superar o modelo tradicional de transmissão de saberes e incentivar a perspectiva investigativa, associando teoria e prática por meio da investigação e da vivência, contribuindo para que os alunos possam trilhar seus próprios caminhos. Estimular a curiosidade e o debate acerca da origem das coisas, causa e relação entre diferentes fenômenos é o primeiro passo para criar um ambiente favorável à inovação e ao empreendedorismo, bem como contribuir para a formação de um profissional mais autônomo e crítico.

O Centro Universitário Senac tem feito sua parte. O estímulo à pesquisa ocorre desde o ingresso do alunado nos diferentes cursos ofertados. Os alunos podem experimentar a pesquisa por meio dos mais de 100 projetos de pesquisa científica e de extensão, em diferentes áreas do conhecimento. Tais projetos propõem um olhar holístico acerca dos fenômenos estudados, que concebem a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade como métodos de pesquisa que privilegiam a relação complexa entre diferentes saberes. Esta característica pode ser facilmente observada nos artigos apresentados neste volume.

---

<sup>1</sup> Reportagem Especial do Jornal O Estado de São Paulo, "**Por que empresas que mudam o mundo nascem no vale**", Renato Cruz, 04 de setembro de 2011. <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,por-que-empresas-que-mudam-o-mundo-nascem-no-vale-imp-,768172>.

Por fim, parabenizo a todos os envolvidos pela dedicação e resultados alcançados, assim como por compartilharem conosco o conhecimento gerado. Então só resta agora desejar-lhes uma enriquecedora jornada pelo conhecimento científico.

Boa leitura!

**Profa. Dra. Natalia Navarro dos Santos**